

## DOCÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO PRÁTICO-REFLEXIVA<sup>1</sup>

*Gabrielle Vitória de Lima Souza<sup>2</sup>*

*Minory Cerqueira de Lima<sup>3</sup>*

*Thalita Janaina Vasconcelos da Costa<sup>4</sup>*

**Entrevistadores/as:** Gilberto, queremos te agradecer por nos ajudar nesse processo de conhecer melhor a história do Colégio de Aplicação e a trajetória de pessoas como você, que trabalham no Colégio há muito tempo. Sabemos que você é um dos professores mais antigos do CAP, que trabalha com as turmas do 6º ano, com crianças que estão em fase de transição para a adolescência, o que é um desafio. Além de trabalhar como professor do ensino fundamental também é docente do doutorado. Ou seja, consegue transitar nesses níveis de ensino na disciplina de matemática.

Entrevistado: Estou há 11 anos no fundamental II.

**Entrevistadores/as:** Queremos conhecer sua trajetória de vida, o que o levou a ser professor, o que você fazia antes de trabalhar no Colégio de Aplicação, se isso sempre foi o que você quis fazer.

Entrevistado: É um prazer contribuir, sem sombra de dúvidas. Eu fiz o curso de licenciatura em Ciências-Matemática pela UFAC. Depois comecei a trabalhar como professor no Instituto de Educação Lourenço Filho, porque foi lá que eu fiz o meu estágio supervisionado, que era aquele que a gente fazia no final do curso. Não tinha o formato que tem atualmente, que você começa a ir à escola já nos primeiros anos. Eu fiz estágio na turma que foi de um ex-professor meu com quem tive aula no

---

<sup>1</sup>Entrevista realizada em 14/09/2021, por meio de ambiente virtual, com o Prof. Dr. Gilberto Francisco Alves de Melo, que leciona a disciplina de Matemática no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre.

<sup>2</sup>Graduanda do curso Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (UFAC).  
E-mail: [gabrielle.souza@sou.ufac.br](mailto:gabrielle.souza@sou.ufac.br)

<sup>3</sup>Graduanda do curso Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (UFAC).  
E-mail: [minory.lima@sou.ufac.br](mailto:minory.lima@sou.ufac.br)

<sup>4</sup>Graduanda do curso Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (UFAC).  
E-mail: [thalita.janaina@sou.ufac.br](mailto:thalita.janaina@sou.ufac.br)

antigo CESEME<sup>5</sup> que hoje é o CEBRB<sup>6</sup>. Ele estava em vistas de ir embora do Acre, aí me indicou para assumir o lugar dele trabalhando com matemática. E aí eu fiquei um ano e tive a oportunidade de fazer o concurso para o Colégio de Aplicação em 1986.

Inicialmente eu trabalhei com ciências porque o curso de licenciatura, na época era chamado “Ciências Matemática”, nos habilitava a lecionar ciências e matemática, da 6º ao 9º anos. Também cheguei a lecionar física na 1ª turma do Ensino de 2º grau, em 1992. Enfim, eu comecei a minha trajetória a rigor assim, que é um pouco parecida com a de muitos alunos que hoje começam. Estando ainda cursando a licenciatura, lecionei no antigo MOVA<sup>7</sup>, que hoje eles chamam de Educação de Jovens e Adultos, mas que antigamente tinha uma outra denominação e era chamado de supletivo. Também foi numa substituição de um colega. Foi uma experiência bacana porque eu estava lecionando e fazendo o curso de licenciatura, já atuando. Aí depois fiz o estágio, como eu acabei de relatar, e já fui convidado por esse meu professor para assumir o lugar dele e fiquei um ano no Instituto de Educação Lourenço Filho. Também foi uma experiência interessante, porque lá trabalhava com formação para os chamados “anos iniciais”. Só que eu tinha outra perspectiva de trabalhar com esse público, mas que infelizmente a estrutura lá não permitia que a gente fizesse muitas mudanças. E aí surgiu a possibilidade de fazer o concurso para o Colégio de Aplicação. Fiz o concurso e ficou assim: num primeiro momento fiquei trabalhando nas duas escolas. Era um contrato de 20h no Colégio de Aplicação. O colégio foi fundado em 1981. Foi começando com a pré-escola, 1º ano, 2º, 3º, 4º, 5º até instalar o 6º ano, que é a antiga 5ª série. E aí precisava contratar professores das áreas específicas. Então o colégio foi crescendo nesse movimento. Eu entrei já nessa leva de professores da primeira turma de 6º ano.

**Entrevistadores/as:** Quando que foi isso Gilberto?

Entrevistado: Deixa então eu fazer as contas aqui e já respondo. Eu vou falando assim que é para não me perder na minha trajetória. Começamos eu e um grupo de colegas em 1986. Nós estávamos numa condição que era assim um tipo de “professor visitante”<sup>8</sup>. Foi esse o contrato na

---

<sup>5</sup> Complexo Escolar de Ensino Médio

<sup>6</sup> Colégio Estadual Barão do Rio Branco

<sup>7</sup> Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos surgiu em 1989 em São Paulo durante a gestão de Paulo Freire na secretaria municipal de educação de São Paulo, com uma proposta que reunia Estado e Organizações da Sociedade Civil, para combater o analfabetismo entre jovens e adulto

<sup>8</sup> A referência aos professores visitantes é relativa à natureza dos contratos de trabalho desses docentes, por tempo determinado.

época. Aí pouco tempo depois havia uma necessidade - eu nem lembro quem estava no governo nesse período - e nós acabamos sendo efetivados. Todo esse grupo de professores acabou sendo efetivado, e aí eu optei por... foi em torno de 1986. Eu fico indo e vindo, tá? A narrativa não é linear. Então, nós começamos e teve esse movimento de sermos efetivados. Posteriormente, por interesse da escola, propuseram que nós passássemos para a dedicação exclusiva<sup>9</sup>. Aí eu avalei a possibilidade de ficar trabalhando numa outra escola, na perspectiva de crescimento profissional, e decidi, na época, fazer a solicitação para dedicação exclusiva. Isso foi um ano depois, acho que 1987 mais ou menos. Outra motivação foi a proposta do Colégio de trabalhar com ensino, pesquisa, extensão e formação de professores (inicial - Estágio Supervisionado) e continuada. Desde então eu venho trabalhando no Colégio de Aplicação. Comecei lecionando ciências no 6º ano, antiga 5ª série, depois, em 1992, lecionei física, porque foi justamente o ano em que começou a funcionar a 1ª turma do atual ensino médio. Inclusive participei da comissão que criou o ensino médio. Então, criou-se o curso de ensino médio só que não tinha professor de física, mas como a minha licenciatura de certa forma permitia que eu lecionasse física. No estado, primeiro, não tinha licenciatura em física; a gente tinha uma carga horária razoável na licenciatura. Depois essas coisas foram se resolvendo, mediante contratação de professor substituto da área de Engenharia Civil e, posteriormente, foi realizado concurso para professor efetivo com exigência para graduado em Licenciatura em Física ou Ciências- Habilitação em Física.

Nesse processo todo, eu sempre quis variar no trabalho, trabalhando com turmas desde o 6º ano até o 3º ano do Ensino Médio. Então aconteceu assim duas situações: num primeiro momento trabalhava, vamos supor, no 6º e 7º ano. Depois trocava com outro professor para pegar outra turma diferente. A gente fazia um pouco essa mistura. Eu, a princípio, me incomodava com isso, até que depois de um certo período eu comecei a trabalhar com uma turma num período maior, até para ter uma convivência melhor, conhecer melhor o progresso dos alunos. Este foi o período em que tive que parar para poder ir pro mestrado. Acabei "emendando". Fiz mestrado e doutorado. Fui pro mestrado em 1996 e voltei em 2003. Fiz logo o mestrado e doutorado na área de educação, com concentração em "educação matemática", na Unicamp.

Antes disso, depois que eu terminei minha licenciatura, fiz especialização em metodologia do ensino superior, curso que foi oferecido pelo antigo Departamento de Educação da UFAC (de 1993 a 1994). Por que eu procurei esse curso, já que na época também tinha o curso de concentração em

---

<sup>9</sup> Regime de Dedicação Exclusiva com 40h, com impedimento de outro vínculo empregatício.

matemática, que a gente chamava na época de “matemática pura”? Porque nessa minha trajetória, como em toda trajetória, não são só flores. Eu comecei a minha trajetória pecando em relação... Hoje eu já consigo fazer essa reflexão que vou relatar para vocês com certa facilidade. Eu tive que fazer a reflexão sobre o quanto me fez falta uma boa base de conhecimentos pedagógicos. Quando eu falo em conhecimentos pedagógicos, incluo os dados pedagógicos, da área de educação, sobre filosofia da educação, sociologia da educação, enfim, o papel da escola, o que que é um projeto político pedagógico, essas coisas todas. A minha formação pedagógica na licenciatura foi, eu diria, numa escala de 0 a 10, 3 ou 3 e meio. Por aí. Mas foi a condição da época, também não se pode julgar as pessoas. Pois bem, de qualquer forma, por que que pesou isso? Porque eu acabei me tornando um professor muito “caxias”, duro na época em relação ao trabalho desenvolvido na sala de aula. Tinha uma visão mais “platônica” e uma perspectiva, digamos assim, mais tecnicista, que hoje ainda vigora, embora tenha outras experiências, de você desenvolver toda a teoria e depois trabalhar com aquelas enormes listas de exercícios. E aí eu passei do ponto e acabei contribuindo diretamente para uma reprovação em massa que teve no Colégio de Aplicação. Acho que foi na base de 85% de alunos reprovados. Isso trouxe consequências bastante desagradáveis, porque os pais foram em público, toda aquela situação desagradável. E isso mexeu muito comigo.

Depois fiquei um ano afastado por determinação da administração superior - o Colégio de Aplicação é vinculado à reitoria da universidade. Fiquei um ano afastado, desenvolvendo outros trabalhos, e aí voltei no ano seguinte. Aí foi todo aquele processo de retomada, de poder rever algumas coisas. Eu sei que no bojo desse processo é que eu acabei fazendo outras leituras, e até era necessário fazer, inclusive no próprio curso. Foi aí eu me interessei em fazer a especialização em metodologia do ensino superior, porque o curso, pela logística do curso, pela grade curricular do curso, tinha discussões que eu não tinha domínio. Depois que eu terminei esse curso é que eu percebi o quanto foi importante pra minha formação profissional, pra poder enxergar outros aspectos que só com a minha formação matemática ficavam assim muito obscuros. Não enxergava além daquelas famosas listas de exercícios, que os alunos tinham que resolver aquelas questões difíceis. E eu pegava inclusive questões difíceis mesmo. Pra tirar uma boa nota tinha que... Mas enfim, nessas andanças de leituras acabei encontrando material de educação matemática, que é uma área multidisciplinar, em que a matemática dialoga com a filosofia, com a sociologia, com a pedagogia, com outras áreas do conhecimento pra poder compreender esse processo de ensino e aprendizagem, dos conteúdos específicos, dos processos de formação. Eu me encantei com essa discussão.

Nesse processo, também eu acabei fazendo um trabalho de assessoria na Secretaria Municipal de Educação, quando o Jorge Viana foi prefeito de Rio Branco, [que envolveu] uma discussão relativa ao desenvolvimento curricular em matemática, que estava sendo implementado. Esse processo, do qual eu participei mais ativamente, acabou servindo de base para eu poder construir o meu projeto de pesquisa para poder pleitear o mestrado. Depois, lá pelas tantas, fui incentivado a ficar para o doutorado.

Voltando à pergunta sobre o que me levou ao Colégio de Aplicação, foi um convite que foi feito por um colega que me falou que estava tendo concurso, o professor Jaci Pinto Cordeiro, que na época trabalhava como supervisor escolar. É uma pessoa fantástica, eu só lamento não ter aproveitado da sabedoria dele na época porque eu também não enxergava mais nada além [faz sinal com as mãos como se fechasse a visão num único sentido].

**Entrevistadores/as:** Esse teu relato é bastante significativo. O processo de rever suas práticas pedagógicas e fazer isso em meio a um contexto que foi, inicialmente, conflituoso. O que você nos relata é um período de sofrimento seu, o que aconteceu, a maneira como se desenrolou, e como você foi buscando formas de se rever como professor. Gostaríamos, se você puder, que você falasse mais, sem preocupações cronológicas, sobre esse processo de mudança e dissesse um pouco sobre o que que significou isso pra você essa reinvenção do ponto de vista pedagógico, essa relação com os alunos. Sabemos que você está há muito tempo no Colégio de Aplicação e passaram por você muitas gerações. Como que foi esse processo ao longo dos anos, de se construir como professor e ao mesmo tempo tá construindo uma instituição que é tradicional em Rio Branco?

Entrevistado: Exato. Na época, enfrentar o desafio da desmoralização dentro e fora da escola, porque muitos pais fizeram aquilo que, talvez até estivessem no direito deles, claro que isso me doeu muito, mas o que me doeu mais foi ficar um ano fora de sala de aula. Desde a licenciatura, na verdade desde o antigo ensino médio, que eu já vinha construindo uma certa relação que acabou me levando para a área da educação. A gente terminava a aula e um grupo de alunos falava: “ah, vamos nos reunir no laboratório pra gente estudar esse assunto de matemática, resolver essas questões”. Aí eu ia, e explicava para os meus colegas. Depois que terminava a aula a gente ficava até umas 6h, 7h da noite, por várias vezes. E era muito gratificante, isso no ensino médio, antigo segundo grau.

Quando chegou na licenciatura, também tinha um pouco desse movimento de outros colegas, que a gente trabalhava e aí no final de semana, a nossa diversão - não tinha shopping na época-, sábado

e domingo era ir pra uma escola que um colega conseguia. A gente ia resolver aquelas famosas listas de cálculo. A gente ralava para tirar nota 5. Enfim, das outras disciplinas também... Bom, aí eu fiquei um ano fora, fiquei fazendo outras atividades administrativas, mas com esperança de poder voltar no ano seguinte, pelo menos era o que a diretora garantia: “não, tenha calma” e tal... Eu estava vivendo esse conflito primeiro pra tentar entender o que que tinha de fato acontecido, porque nem o grupo, na época, tinha condições de esclarecer e chamar “olha a gente precisa dialogar sobre isso, aconteceu tal coisa”. Na época sempre diziam assim “se ficar 50% dos alunos reprovados a culpa é do professor e pronto”. Não se dizia mais nada. Eu que não tinha uma formação pedagógica profunda e ficava sem entender absolutamente nada, ficava nesse jogo de empurra.

O fato de ter feito o curso de especialização também não me ajudou muito nessa questão, mas ajudou a ter uma outra compreensão do meu papel enquanto professor. Quando a gente chegava num curso de licenciatura via lá a disciplina de psicologia da educação. “Mas pra quê que a gente vai perder tempo em estudar isso?”. Ou vamos estudar filosofia da educação. Até tinha um pouco de sociologia da educação, porque era uma disciplina só. A gente fazia essas disciplinas por uma questão de obrigação. Se não fizesse não era aprovado e lá na frente não recebia o diploma. Não eram disciplinas que a gente se sentia atraído para poder discutir questões da prática, do papel da escola, essas coisas todas. Quando chegou na especialização, tivemos ótimos professores, dentre eles eu cito o Gaudêncio Frigotto, que é uma referência nacional. Ele até veio faz pouco tempo aqui na UFAC, veio participar de uma banca e nós o revimos. Enfim, é claro que na especialização eu ficava meio que “boiando”, mas aprendi muitas coisas bacanas, porque os professores eram ótimos, tinham uma boa didática, e isso foi uma passagem importante pra mim não ir pra um mestrado na área de álgebra, que é uma das áreas de matemática que eu tinha uma certa afinidade - eu gostava muito de álgebra e ainda gosto -, pra poder ir pra área de educação matemática.

Com olhar de hoje, 2021, eu estaria profundamente arrependido se eu não tivesse feito nada de educação matemática e fosse para a álgebra elementar. Posso até dizer daqui a pouco o porquê. Mas enfim, nesse processo do acontecimento relatado, ficar um ano fora de sala de aula, depois voltar pra sala, eu ainda voltei um pouco tenso, sem ter uma compreensão, me questionando o que de fato tinha acontecido. Por mais que participasse das reuniões pedagógicas e tivesse as conversas com os supervisores, ainda assim ficava aquela coisa nebulosa, sem compreender. Paradoxalmente surgiu a proposta de fazer esse trabalho lá na Secretaria Municipal de Educação e foi muito interessante. Aí aquilo acabou me despertando para outros aspectos, porque o grupo era formado, em sua maioria, por

pedagogas que faziam essas discussões sobre a escola, sobre a importância do currículo, o projeto político pedagógico, e outras questões a serem consideradas quando você ensina matemática para os alunos. E isso foi assim começando a mexer mais comigo no sentido de refletir que aquilo que eu estava fazendo, que era só passar listas enormes. Só para citar um exemplo do exagero, certa vez passei uma lista para os alunos resolverem 100 sistemas lineares do primeiro grau - só por aí vocês já tiram... Experiência foi, portanto, interessante porque eu também pude trabalhar com professor da zona rural, em determinado momento, que são pessoas que tenho admiração e respeito, sem desmerecer os outros, pela força assim que têm de aprender pela humildade de tudo. Então, de certa forma, também fui aprendendo um pouco disso, a ter um pouco mais de humildade na hora de trabalhar matemática lá com os alunos. Eu acredito que isso foi contribuindo, ainda que de forma lenta, para melhorar um pouco mais a minha relação com os alunos, a minha relação com a matemática e a deles também.

Antigamente não tinha WhatsApp, Facebook. Então, usava outros meios. O certo é que eu fiz o trabalho que a diretora determinava, tinha que fazer, foi para mim revigorante. Nesse período eu já meio que encaminhei a perspectiva de um projeto para cursar o mestrado em educação matemática. Quando eu cheguei na Unicamp, encontrei um orientador. A gente tem contato até hoje. Acabei contando para ele, não na entrevista [de ingresso], mas posteriormente, o que tinha me levado a buscar o mestrado. Coloquei que tinha interesse de investigar por que os professores não participavam mais efetivamente das inovações curriculares a partir de algumas leituras e até conversas também. Acabei contando como é que foi a minha prática na escola, a situação que eu vivenciei. Ele me apoiou e disse que com o tempo eu ia compreender e superar. Durante o curso do mestrado pude aprofundar minhas leituras e compreensões acerca da prática pedagógica. Não é uma coisa simples como a gente imagina.

Depois que terminei o mestrado, trabalhando com inovação curricular em matemática, fui para o doutorado para trabalhar com a formação inicial de uma professora que trabalhou com álgebra elementar. Ela era aluna da licenciatura na Unicamp e desenvolveu um projeto de iniciação científica para compreender as dificuldades dos alunos em álgebra e suas possíveis origens. Então, fiz uma pesquisa com ela.

Também me enveredei por participar de diversos eventos que circulavam ali [na região de Campinas, São Paulo]. Pegava o ônibus e me mandava, ia com colega ou ia só, na própria Unicamp, quando anunciavam as palestras, os cursos com, inclusive, professores de fora do país. Posso dizer que aproveitei o meu mestrado e doutorado o máximo que pude. Aproveitei tanto que fui parar no hospital porque a cabeça já estava quente demais. Mas, por que isso? Porque saí daqui com a concepção de que

queria fazer esses cursos, mestrado e doutorado, para voltar para o Acre e poder mostrar que eu podia fazer um trabalho melhor e superar aquele que acabou reprovando os alunos.

Voltei em agosto de 2003, assumi umas turmas e ainda estava me ambientando. Mas, fui com uma outra perspectiva, a de dialogar mais com os alunos. Porque até um certo tempo eu não era muito chegado em conversar com os alunos. Não vou dizer que não conversava, mas em sempre tive pavio curto. Não sei se pela minha descendência, eu sou descendente de cearense com paraibano, não sei se tem alguma relação...

De qualquer forma, para fazer um salto no tempo, chegou esse período da pandemia, passando a trabalhar com ensino remoto emergencial e aí vem a tensão. Como certamente todos os colegas passaram, eu disse: “poxa, agora tem que aprender a mexer com essas tecnologias” e com os alunos distantes. Uma primeira coisa, se é que eu posso dizer, de positiva: vi nesse processo todo uma melhoria considerável da minha relação com os meus alunos, mesmo estando distantes, e, com todos os problemas que têm, de melhorar o meu diálogo com eles. Passei a dialogar mais e ouvir mais eles.

Escutar os alunos e ter um pouco mais de paciência eram coisas que eu não tinha e que acabei aprendendo lá na Unicamp, quando tive acesso àquele famoso livro do Paulo Freire, “Saberes Necessários à Prática Educativa”, um dos últimos que ele escreveu. Eu li e reli aquele livro várias vezes, mas lendo com esse olhar, com essa atenção. Como é que posso dizer, em termos freireanos? De maior sensibilidade, maior cuidado, de estar pensando: “na hora que o aluno vier perguntar uma determinada situação, se ele não conseguir entender na primeira vez, vou ter que buscar uma outra maneira”. Eu tive todo esse acúmulo de vivências e, portanto, de experiências. A questão da experiência no sentido de um autor espanhol chamado Jorge Larrosa. Ele fala assim: “o sentido daquilo que nos toca, nos forma e nos transforma”. Nesse processo todo muitas dessas questões me transformaram e vêm me transformando.

Vou citar um outro elemento que contribui até hoje: um filme chamado Sexto Sentido. Na época que assisti, sem compromisso, me chamou atenção uma cena que tem uma criança dialogando com um adulto e aí a criança pergunta para o adulto: “como você pode me ajudar se você não acredita em mim?”. Depois comecei a fazer relações pensando em mim como professor e na criança como um aluno. Então, quer dizer a gente tem diferentes níveis cognitivos. [Para um] você dá uma dica e ele vai embora, mas têm outros alunos com mais dificuldades, que trazem dificuldades dos anos anteriores, e que não adianta só explicar. Se você, como professor, não compreender isso e tentar buscar alternativas



que possam ajudar, não adianta. Isso para mim também ficou com um ensinamento que eu incorporei na minha prática pedagógica.

**Entrevistadores/as:** São legais aquelas postagens suas, principalmente no nosso grupo oficial do CAP, dos alunos segurando a placa “hoje tem aula de matemática”, “hoje tem aula do Gilberto”. A turma do 302 tem um carinho contigo porque eles te acompanham desde que eles estavam no F2. Como é a tua percepção do crescimento dos alunos na matemática?

Entrevistado: Quando eu voltei do doutorado peguei uma turma que era de 6º ano e aí iniciei o trabalho, depois lá pelas tantas eu decidi trabalhar no ano seguinte e os alunos viam me perguntar “professor, o senhor vai dar aula para a gente no próximo ano? Porque a gente não quer aquele professor lá por isso e isso” e eu disse “não gente, não é assim; a gente ainda vai conversar”. A gente conversou com os outros colegas e eles passaram a ter também a compreensão de tentar acompanhar um pouco mais, poder expandir um pouco mais essa relação de trabalho com as suas turmas. Eu fiquei com essa turma até o ensino médio e quando terminou a turma do 3º, peguei outra no 6º ano e fiz o mesmo processo. Uma coisa que eu ainda não fiz, que eu não sei quando é que eu vou fazer, quando sobrar tempo, é fazer um relato, de forma escrita, dessa experiência que venho vivenciando há alguns anos.

Trabalhando com as crianças de 11 anos, que são os pequenininhos, eles chamam você de tio. Tio pra lá, tio pra cá. Aquela coisa toda. Você dinamiza algumas atividades de explorar desafios, propor problemas bem interessantes além daquelas que estão na programação, e você vê a adesão deles. Tem uns alunos que são mais tímidos, que eu passei a procurar mais, passei a dar mais atenção para o aluno no sentido de entender que todos estavam ali para aprender e eu estava ali para ajudar a todos sem distinção.

De certa forma eu reconheço que na época que aconteceu o dito problema [mencionado anteriormente], eu não dava tanta atenção como eu dou hoje para esses alunos que efetivamente mais precisam. Essa mudança faz parte desse processo de caminhada, de reflexão, de leituras, de vivências que eu venho tendo. Então, fui criando esse processo, depois que eu retornei do doutorado, principalmente, de ter uma relação mais humana com os alunos de modo geral, de me preocupar mais com eles. Por exemplo, agora no período remoto, que estavam faltando muitos alunos, teve uma vez que eu estava agoniado: “nossa o que eu posso fazer para fazer com que esses alunos apareçam nas aulas e a gente possa trabalhar?” Eu pensei e disse: “já sei que eu vou fazer”. Peguei o WhatsApp e

gravei uma mensagem mostrando para eles a importância de eles estarem presentes, sem dar bronca. Foi mais no sentido de cativar eles para estarem aqui [em contato], que eu estava aqui para ajudar toda vez que precisassem, que eu acreditava neles. Eles responderam positivamente, principalmente a turma que nós chamamos de 82, que é o 8º ano dois. O WhatsApp, que para mim era uma ferramenta estranha num certo período, [tornou-se] hoje bastante útil. Continuo usando para poder me relacionar com os alunos, para mandar um bom dia, quando está no lanche mando o desenho de coisas que eles gostam de comer, algumas atividades que a gente manda. No primeiro momento, eu achei que era uma bobagem e perda de tempo, mas depois eu fui percebendo que eram formas de estar mantendo essa relação de proximidade, de confiança. Teve, por exemplo, o relato de um garotinho do 6º ano. Ele disse assim: “professor eu estou com uma dúvida nisso aqui”. Era até altas horas da noite, já era umas 20 horas, e eu disse “tá bom, vou te explicar”. Mandeí um áudio e mandei por escrito, e ele disse “ah professor, eu entendi! Muito obrigado por me ajudar”. Eu disse: “fique tranquilo, nós estamos aqui para isso”.

**Entrevistadores/as:** Qual a sensação que te dá quando você vê os alunos anunciando a tua aula e fazendo parte da tua aula, eles compartilhando esse momento?

Entrevistado: Teve um outro elemento que eu passei a usar durante o ensino remoto. Gosto de abrir o computador para mandar o link do meet para eles com meia hora de antecedência. A aula começa 7h10, e às 6h30 eu já estou mandando. Tem muita gente que reclama que tá cedo demais. Abro a sala, vai chegando um ou outro, e coloco uma música. Eu sempre os recebo com uma música, seja aquelas clássicas, seja daquelas um pouco mais modernas, que eles gostam. Depois apresento a dinâmica da aula.

Com a turma de 3º ano, que a gente já estava no presencial, a gente tinha uma boa relação em termos de dinâmica, de iniciar a aula, de fazer discussões, de propor trabalhos que tivessem aplicação em outras áreas do conhecimento e, sobretudo, também de ter essa escuta sensível das várias situações que os alunos colocavam. Às vezes os alunos chegavam e falavam “ah professor, estou com problema tal” e eu dizia: “sente aqui vamos conversar, me diga em que eu posso ajudar”. Às vezes eu ouvia aquela situação, compartilhava com a coordenação para ver o que a coordenação podia fazer. Nesse processo longo, aconteceu muito isso, de me aproximar cada vez mais dos alunos, de conversar com os pais deles. Quando tem a reunião dos pais, eu converso muito com os pais e a gente passa horas conversando de tudo. O que pra mim é um momento de satisfação, às vezes eles agradecem: “valeu

pela aula de hoje!”. E aí eu já tenho o desafio de projetar o que eu vou fazer no outro encontro para trazer algo diferente em cima do tema que a gente está abordando.

**Entrevistadores/as:** Como tem sido o desempenho dos alunos, em termos de notas, durante a pandemia?

Entrevistado: Dessa turma 302 não houve queda no desempenho que se expresse em notas. A maioria dos alunos fazem os trabalhos, tirando um ou outro que eu tenho que estar sempre no pé, a maioria faz direitinho, cumpre os prazos. É uma turma muito boa e eles ficam até com nota 10, e isso também já acontecia no presencial. Já as turmas do 8º ano, eu particularmente me dedico mais dobrado no sentido de o que eu faço com essas turmas. Agora consegui comunicar com vários pais porque eles estavam com muitas faltas. Aluno com 70, 80 faltas... Estou sempre mandando comunicado para os pais dizendo “tem atividade, seu filho tá devendo e ele tem que fazer”. A nota agora no ensino remoto caiu bastante nessas turmas de 8º ano se comparado com o período presencial. No presencial sempre tive esse problema de aluno que não faz as atividades, que demora a entregar, que tem dificuldade. Por mais que eu diga “eu estou aqui para ajudar, vocês podem me procurar”, boa parte não procura por vários motivos. Estou dando essa folga agora porque nós estamos de recesso, mas quando retornar a pressão vai continuar. Mas é uma pressão nesse sentido, uma pressão que eu considero amorosa, no sentido de me preocupar efetivamente com cada um deles. Por exemplo, a turma do 6º ano, que são 32 alunos, um aluno me disse “professor o senhor tá conseguindo um milagre”, porque os alunos não vinham todos para assistir a aula e agora estavam vindo. Antes de começar, uma semana antes, entrei em contato com os pais, entrei em contato com eles, mostrei importância de estarem presentes. Então, o rendimento do 3º ano manteve-se e o rendimento dos 8º anos deu uma leve caída em alguns casos e em outros casos permaneceu, principalmente daqueles alunos que já tem uma certa disciplina.

Sempre termino a aula e digo a eles que é sempre um prazer, mas de verdade mesmo, de coração. Não só com o 3º, mas os oitavos e sexto ano, o prazer de tá ali, de ter trabalhado aquele dia e de esperar eles para o próximo encontro. Coisas assim acho que fazem uma enorme diferença e que é bom a gente dizer. Mas, dizer de coração aberto.

**Entrevistadores/as:** Percebemos que com a sua metodologia e método de ensino você tem contribuído com os alunos. E a escola? Você percebe que seu trabalho tem sido valorizado? Sente-se reconhecido?

Entrevistado: Sim, prazer, tem sido, recentemente com o trabalho do terceiro ano. Nos programamos para fazer a produção de vídeos educativos, matemáticos, com o tema que cada grupo escolheu. Um grupo escolheu trabalhar com a questão da problemática das abelhas, relacionar matemática com as abelhas, e depois de uma socialização, de acordo com o resultado, de como ficou o vídeo, a turma gostou demais. Sugeri inscrever o trabalho no 5º Festival Nacional de Vídeos de Matemática<sup>10</sup>, que aconteceu no Rio Grande do Norte, que contou com várias categorias. Nós concorremos na categoria “ensino médio” e ganhamos pelo júri popular, que era [avaliado] com maior número de curtidas no Facebook. E pelo júri técnico, houve uma premiação em medalhas, que estão enviando para eles [os estudantes]. Essa experiência particular dos vídeos e de outras que a gente vem tentando desenvolver estão ligadas ao aprendizado que obtive no mestrado e doutorado, nos diversos cursos e eventos que eu venho participando nesse período, e também na tentativa de explorar uma matemática mais humanista, mais ligadas às práticas culturais, como tantas outras áreas do conhecimento. Além de mostrar para os alunos o potencial que eles têm para aprender e que isso vai acontecer até dependendo do ritmo de cada um. Todos nós temos condições de aprender matemática, mas dentro do nosso ritmo. Eu tenho o meu ritmo, você tem o seu, mas você vai aprender também.

Em termos de valorização, primeiro eu busco a minha autovalorização profissional. E foi quando me dispus a fazer o mestrado e o doutorado, quando procuro me engajar o máximo que posso nos trabalhos que são propostos pela escola. Foram poucas que não tenha tido condições de participar, mas ao longo desses anos todos tenho participado. Atualmente, estou na comissão de reformulação do Regimento Interno [do Colégio de Aplicação da Ufac], na comissão de organização do 14º Seminário Nacional dos Colégios de Aplicação. Estou tentando participar sempre de coisas, o que depois gera mais trabalho, mas acabo entrando. Recentemente aconteceu a aprovação do e-book que eu e outras colegas organizamos sobre o colégio Aplicação. Vai ser publicado pela EDUFAC. Tenho trabalho com colegas fora do estado. Fico na minha “bat-caverna” [mostra o quarto com uma estante grande de livros], na minha bagunça eu vou me encontrando e produzindo, pesquisando na internet,

---

<sup>10</sup> Referência ao Festival de Vídeos Digitais e Educação Matemática, promovido pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e que conta com o apoio da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). <https://www.festivalvideomat.com/>

acho referências para meus materiais, procurando sempre inovar para chamar e possibilitar a participação e a atenção dos alunos.

Eu me sinto valorizado sim, com certeza. Faço o que está ao meu alcance, trabalhando com ensino, pesquisa e extensão com as turmas do 6º, 7º, 8º, 9º, e terceiros anos, no mestrado, no doutorado. Mas outro campo em que eu ainda gostaria de poder ajudar o Colégio é o administrativo, na questão da direção da escola. Seria um “coroamento” para minha carreira. Talvez, depois [dessa experiência], eu resolva pendurar a chuteira.

Todo esse trabalho que eu desenvolvo primeiro faço porque gosto muito da minha profissão de professor. Eu não conseguiria estar exercendo uma outra profissão. Todas têm meu respeito e consideração, mas que não é para mim. Além de todo o aprendizado que obtive, vejo o brilho no olhar das crianças e adolescentes mesmo da universidade, e quando a gente contribui de alguma forma, eles dão retorno dizendo o quanto a gente ajudou.

Eu acho que tem que buscar autovalorização e para não ficar só na dependência da valorização da sociedade, em torno do que você trabalha, claro que isso é importante, eu acho que todo profissional merece e deve ser valorizado pelo trabalho que desenvolve.

Ao longo desses anos, não vou entregar a minha idade, aprendi a ter a escuta mais sensível aos meus alunos, e conhecê-los também. Aprender a escutar. Tem importância falar, mas é importante também a gente escutar. O que que o aluno está aprendendo? Não está aprendendo? E você continuar estudando, buscando outras formas que se tornem [os conhecimentos] mais acessíveis para eles aprenderem.

**Entrevistadores/as:** Você observou mudanças entre as gerações de estudantes?

Entrevistado: Fazendo um contraste com os alunos de quando eu comecei, num certo período os alunos eram mais ativos, do ponto de vista de constituir equipes para determinadas ações na escola, com motivações dos alunos, como arraial ou eventos, e isso foi um pouco desagregando do meu ponto de vista. Os alunos sempre tiveram visão crítica, manifestam o desejo de serem ouvidos e de participarem mais das atividades que a escola promove. Mas com tempo [isso] foi se perdendo.

O Colégio [por sua vez] colocou uma linha filosófica de trabalho para envolver mais a comunidade escolar, [com vistas a] construir um espaço melhor, não somente o espaço físico, mas na relação de trabalho, porque hoje, com a pandemia, estamos com o desafio de envolver a comunidade, os alunos, para se sintam mais felizes ao entrar na escola.

Os alunos estão com estresse, cansados, muitos alunos desgostosos da escola, o que eu não via há muito tempo atrás. Cheguei a ver muitos alunos que saíram da escola porque chegou ao limite de tolerância deles, apesar de tentar dialogar, mostrar o processo. Mas eu gosto muito dessa garotada, tanto dessa geração de hoje como das anteriores, embora não tivesse todo esse aparato tecnológico. Mas [antes] eles se dedicavam muito aos estudos e havia uma maior harmonia e trabalho com os professores de modo geral. Hoje isso não é assim tão geral devido a pandemia, mas não somente por isso. Mesmo antes da pandemia nós observamos problemas, como desagregação familiar.

Recebemos no sorteio alunos das diferentes localidades, aqui da nossa cidade, dos municípios vizinhos. E esta é uma geração celular, geração jogo, que se preocupa mais com isso. Um pouco menos com os estudos. Hoje a geração está muito menos preocupada com os estudos, tem a nota para passar, mas a vontade de estudar para aprender é baixa.

Do ponto de vista da escola, há a busca em restabelecer a união e diálogo com a família, pois nós temos os alunos como fundamental em nosso trabalho. Como ajudar na formação, ajudar a enfrentar os desafios que se interpõe, que são muitos. Hoje é inadmissível, por exemplo, ver um aluno com determinado problema e deixar para lá. Então há uma tendência de buscar, chamar para conversar, saber no que eu posso ajudar. Falam quando não dá para entregar atividade no dia, nós conversamos, marcamos para entregar outro dia. E assim é o dia a dia.

**Entrevistadores/as:** Qual o momento mais importante em sua trajetória, como professor?

Entrevistado: Pergunta muito interessante, eu tive vários e vários momentos, talvez um momento mais marcante, sempre vale citar esse, quando tiver um horizonte, foi quando fui hospitalizado eu estudava na Unicamp. Por vários motivos cheguei nesse momento. Porém, com o tratamento, e depois com ajuda dos colegas, vi que eu não podia desistir, porque tem um momento de desistência sem volta. Voltei, me recuperei, terminei meu doutorado, voltei ao Acre. Vendo o que fiz com esse trabalho de 2003 até 2021, fazendo um balanço, considero que fiz muita coisa. Poderia ter feito mais, apesar de feito o que pude, não só em meu benefício, certamente mais em benefício de um coletivo aqui na cidade onde eu nasci, pela Universidade, por esses alunos tanto do fundamental, médio e superior. Agradeço pela oportunidade e desejo sucesso a todos(as).

**Entrevistadores/as:** Nós que agradecemos, Gilberto, pela sua disponibilidade, sua franqueza, por se dispor a tratar conosco questões sensíveis da sua vida. Em função do PIBID<sup>11</sup>, dos estudantes envolvidos nessa entrevistas cursarem uma licenciatura, escutar seu depoimento, conhecer sua trajetória constituição como professor foi muito gratificante. Queremos te agradecer por se dispor, durante suas férias, a parar e nos conceder a oportunidade de conhecer um pouco sobre a tua vivência no Colégio de Aplicação.

*Data de submissão: 05/02/2022*  
*Data de Aprovação: 02/12/2022*

---

<sup>11</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Os/As estudantes que participaram da entrevista, da Universidade Federal do Acre, estão vinculados à área de Sociologia, curso de Ciências Sociais.